

RODA DE CONVERSA

TEMA: MOVIMENTO LGBT

Participantes: Marcélia Valente, Dj Dennys, Giovane Reis e Josefina Tranquilin

Texto resumido por Vivi Anne Moreau

Sorocaba, 03 de novembro de 2015.

Movimento LGBT

O Conselho de Política Cultural juntamente com a Secretária de Cultura, em suas reuniões anteriores, entendeu que para fins práticos era imprescindível a criação de eixos de estudos e práticas, que mesmo divididos dialogassem de forma transversal. Foram criadas, portanto, 9 câmaras temáticas (Audiovisual, Artes Cênicas e Corporais, Música, Artes Visuais, Formação Cultural, Literatura, Cultura Material e Imaterial, Economia da Cultura, Arte Urbana). E referenciadas nesse modelo de trabalho e estudo, as Rodas de Conversa foram elencadas e realizadas, a saber: Cultura Popular, O que é cultura, Artes Visuais, Arte Urbana, Artes Cênicas/Dança/Circo, Movimento Negro, Patrimônio Histórico Cultural, Música Erudita e Instrumental, Música, Música na Cena Contemporânea, Música Brasileira, Literatura, Audiovisual. É importante salientar que todo o processo visa à feitura participativa, colaborativa e horizontal do Plano de Cultura Municipal em Sorocaba.

O acontecimento dessas Rodas proporcionou novos olhares e visões, ficando clara, no decorrer das conversas, a necessidade de mais rodas sobre demais assuntos. A Roda LGBT surgiu assim, dessa demanda adquirida no próprio acontecer das rodas, o que chamamos de segundo ciclo: Diversidade de Crenças, Economia da Cultura, Cultura e Educação, Movimento LGBT, Patrocínio Cultural, Cultura e Meio Ambiente.

Compuseram a Roda LGBT: Platéia, mediadora, e convidados.

Convidados:

Dennys Sbizera - DJ e Organizador da Parada LGBT

Giovane Reis Sorréquia - Coletivo Mandala

Fina Tranquilin - Antropóloga

Mediadora:

Marcélia Valente – Socióloga

A Roda LGBT começa com uma introdução histórica da mediadora sobre a origem do Movimento LGBT, Dennys Sbizera em seguida se apresenta e relata a origem da Parada LGBT em Sorocaba, dizendo que assim como o Movimento LGBT mundial é recente, a Parada em Sorocaba também é. Relata que oficialmente ela surgiu em 2006, porém antes já havia o Movimento das Travestis. A Parada começou com o apoio da

deputada, e autora da PL 122/2006 (criminaliza a homofobia – rejeitada no congresso), Iara Bernardes. Em 2004 houve então uma carreta que saía do Fórum Velho com um trio do Sindicato dos Metalúrgicos movimentada pela deputada e pelo grupo Girassol presidido pela Paulette Wels (transformista de Sorocaba), com objetivos específicos e ligados às questões imediatistas, específicas e locais das travestis apenas, como segurança para trabalhar à noite, menos repressão policial, abertura do acesso e atendimento à saúde.

Continua o relato contando que assumiu a Parada em 2008, até porque o Grupo Girassol, segundo Dennys, acabou tendo problemas com relação a verba pública federal correndo o risco de a parada desaparecer do calendário público da cidade. Atualmente a Parada em Sorocaba é uma das mais respeitadas pelo baixo índice de violência. Hoje ela não é apenas um Movimento de Festa, já que no período que antecede houve um ciclo de debates no SESC. Então Dennys coloca a Parada como um Movimento Político que busca transformações.

A mediadora Marcélia reitera que a Parada é um Movimento Político que tem seu momento de construção e seu momento de festa, e que isso deve ser levado em conta na construção do Plano Municipal. E traz à tona o relato do Giovane sobre o Coletivo Mandala: criado em 2010 por estudantes da UFSCAR para debate da homossexualidade, porém se apaga com a saída dos estudantes. Em 2014 o Coletivo volta com estudantes fixos e flutuantes, homossexuais ou não. É também um espaço de construção de uma família, pois os sentem-se acolhidos e podem expressar-se. Acontece nas Universidades nas quintas das 18h às 20h, mas também atua em outros espaços conforme se faz a agenda. O Coletivo não é fixo em sua estrutura, ele se faz conforme as demandas. É um coletivo que por se reunir toda semana, diferentemente da parada, é um espaço constante de convivência e empoderamento. Estabelece relações com outras instituições, outros coletivos, em outras regiões inclusive.

Plateia pergunta sobre “Nós Diversos”, Dennys responde que é uma proposta da Parada, do Mandala e do Negds (Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual) para debater temas mais variados. Segundo Giovane, é uma continuidade da Parada.

Plateia pergunta sobre a situação do Coletivo na Universidade, Giovane responde que a Universidade está em sua maioria contra os movimentos da minoria. E também há pessoas que não se interessam. Mas o Coletivo estaria aberto a todos. E mais uma pessoa da plateia responde que há o Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual que contém o grupo de Estudos Fsexpol. (Feminismo/Sexualidade/Política), coordenado pela professora da UFSCar, Viviane Mendonça, núcleo responsável pela Semana do Orgulho LGBT.

Plateia comenta sobre a “Diversifica”, uma Revista que ressurgiu tratando o tema da Diversidade Sexual e Gênero. Propõe que no Plano contenham propostas específicas para a questão de gênero/cultura, levando as questões para as áreas periféricas.

Plateia pergunta sobre qual a melhoria da mudança do termo homossexualismo para homossexualidade. A socióloga e mediadora Marcélia juntamente com a antropóloga Fina, respondem definindo que o termo homossexualismo foi retirado por ter o sufixo “ismo” colocado mediante referência a uma patologia, sendo que inclusive havia um CID para tal “doença”. A mudança vem com a retirada da homossexualidade do catálogo das doenças, juntamente com a garantia legal de não haver discriminação contra homossexuais nas contratações, como antes acontecia ao passarem por exames médicos em que incorria o CID do “homossexualismo”.

Plateia questiona a continuação do Plano Municipal de Cultura caso haja uma mudança de governo municipal. Régis Massaroto, o apresentador que no começo falou sobre as questões relativas ao Plano,

Fundo, Sistema e Conselho de Cultura, respondeu que o Plano é decenal, e que tendo uma participação efetiva da população, não será possível desviar as metas do Plano, uma vez que este seja de fato instituído.

Plateia pergunta sobre como o Mandala leva as questões para a Escola e como os professores podem trabalhar isso. Giovane responde que levar as questões de gênero não é forçar as crianças a serem o que não são, mas sim trazer respeito e espaço para os que já possuem algumas diferenças comportamentais, gestuais, de gênero e sexualidade que são vilipendiadas e tratadas como “anormais”, patológicas. Porque cuidar para que a violência não aconteça, faz com que não seja necessária a desconstrução de tudo o que foi inculcido e que não faz parte da criança. Isso sim é patológico, forçar o outro a se encaixar, outro que não faz mal nenhum ao ser diferente.

Os convidados, Dennys e Giovane, perguntam sobre qual a garantia de que o Plano será aprovado, já que o de Educação também foi elaborado e não foi aprovado. A Secretária de Cultura Jaqueline Gomes coloca que os desafios são grandes, e se propõe a explicar por partes, diz que a cultura enquanto área já é subestimada todo momento pelas governanças, e que a Secretaria de Cultura em 2013 era uma secretaria de eventos e não uma secretaria de gestão de política cultural. Nesse sentido, a gestão resolveu se inserir nos processos de gestão das políticas de cultura nacionais: Sistema, Lei do Sistema, Fundo e Conselho de Cultura para poder formular o Plano Municipal de Cultura de Sorocaba. Diz sobre o Conselho de Cultura ter saído do papel para estar atuante, e faz um convite aos representantes LGBTs para que participem do Conselho. Marcélia sugere a criação de um Conselho LGBT. Dennys diz que já foi feita essa proposta e que provavelmente o ano que vem aconteça. Jaqueline volta trazendo a necessidade de se pensar em políticas públicas para além da LINC, e que o Plano é uma via, haja vista o fundo aprovado por lei. E lembra que a SECULT é a que tem a menor equipe e uma verba pequena, mas que se dispõe a debater sobre as políticas de cultura e “sair do limbo”. E não ter o Plano mutilado vai depender da nossa atuação política, e não da Secretaria, o que cabe a Secretaria é o processo de ajustamento das representatividades em alguma medida, e as questões legais e burocráticas. E afirma que Política Cultural não é para si, é para a cidade, e que para tal, o mapeamento é público e deveria chegar ao entorno, porém está ainda predominantemente central, para isso acontecerão investidas nos bairros para cadastramento, assim teremos uma idéia mais ampla da cultura em nossa cidade. Então, a aprovação do Plano e sua fiscalização dependem dos mecanismos legais, mas também de uma atuação política que estamos, inclusive, tentando fomentar com as rodas e demais encontros. Coloca que é o primeiro Plano de Cultura da cidade e a última das medidas legais para entrarmos no Sistema Nacional de Cultura, e aumentarmos as verbas direcionando-as conforme as informações colhidas e as necessidades de cada área, verificadas através dos encontros e da participação do Conselho. Reitera que cultura não é só as artes. E que todas as áreas podem e devem fazer conferências livres para virem mais organizados para as Conferências e demais encontros. Diz que sonha com o dia da aprovação do Plano com muitas pessoas lotando a câmara e exigindo que ele seja aceito, porque cultura precisa ser pensada não só como arte, mas como política que supõe participação, posição e atuação. E afirma que a Secretaria tem discurso e tem prática, e que mesmo a gestão saindo, vai deixar a classe cultural mais organizada. Marcélia complementa que o Plano de Educação aconteceu de forma diferente porque não houve participação popular, diferente do Plano de Cultura que vai acontecer de forma horizontal e que o Ministério da Cultura traça penalidades para o não cumprimento das Metas que constarão no Plano de Cultura Municipal de Sorocaba. Fina completa explicando sobre a disputa de poder na sociedade, e que os donos do certo e errado são aqueles que têm mais poder, portanto as minorias são uma resistência, e que essa é a forma de lutar, resistindo e se organizando, e não, imaginando que não vai valer à pena, porque a articulação e união não resultam em algo nulo, há um tanto de conscientização e movimento. E traz uma visão otimista da luta das minorias, dizendo que a Roda em questão ser composta por mulheres e gays, tratar de gênero e ter uma secretária mulher é algo que só é possível agora, vinte anos atrás não seria.

A Roda se encaminha para a criação de propostas para debater gênero nas escolas, para articulação do Mapeamento Cultural, para que este chegue nos espaços e nas pessoas relacionadas às questões de gênero e orientação sexual, e também na resposta da plateia sobre a articulação do LGBT com o Movimento Feminista. Giovane complementa falando sobre a postura do professor de se colocar abertamente sobre gênero e orientação sexual para apoiar aqueles que se sentem diferentes, como também mostrar que existe um movimento. E quanto ao Feminismo ele ressalta que é integrante do Coletivo Eva Marion.

Dennys confirma que haverá uma Contribuição da Parada para o Mapeamento, os participantes serão mapeados. Como também trará pautas para a Conferência.

Giovane propõe a articulação dos Coletivos por meio do Mapeamento para propor ações culturais. Um site com junção dos materiais LGBT produzidos por todos.

A secretaria traz novamente a importância do Mapeamento para a articulação das ações.

Platéia sugere transversalidade da arte com gênero e orientação sexual, projetos específicos apoiados pelo poder público. A participação no Conselho não só para criação do Plano, mas como uma possibilidade de encontro entre as áreas. Proposta de a diretriz básica ser a diversidade. Propõe distribuir Imagens pelas ruas.

Secretária fala sobre a criação do Núcleo de Formação Cultural. Explicita que há 4 vertentes: Iniciação Artística, cursos de curta e média duração, atualidades e gestão cultural. Recomenda que todo segmento faça conferências livres.

Diante dos relatos e dos discursos dessa roda, foi possível elencar alguns grupos, eventos e conceber algumas propostas.

Grupos e eventos mencionados:

NEGDS

FSEXPOL (Feminismo, sexualidade e política)

MANDALA (Coletivo LGBT)

PARADA GAY

SEMANA LGBT (Ufscar)

REVISTA DIVERSIFICA

NÓS DIVERSOS (Parada + NEGDS + Mandala)

COLETIVO FEMINISTA EVA MARION

MOVIMENTO DAS TRAVESTIS (Inativo)

SEMANA DO ORGULHO LGBT

UFSCOLOR (UFSCAR/ evento)

NÚCLEO DE DIVERSIDADE SEXUAL E GÊNERO

Propostas:

Primeiramente, após a avalanche de relatos do Movimento LGBT o que nos fica claro é a capacidade política de cada grupo em separado de se auto-organizar, sabedores de seus propósitos, mesmo quando esses são em si fluidos. No entanto ainda não possuem uma organização política geral, o que tira a força do Movimento como um todo. Sentimos falta de mais representantes e grupos que não puderam comparecer. Como também de um “Conselho LGBT”.

Mas o que nos fica é a percepção da necessidade de as questões de gênero, orientação sexual e feminismo, permearem as políticas públicas, que serão inseridas no Plano Municipal. Para isso, desde já, inserimos a presença dessa área nas reuniões setoriais e regionais e nas conferências.

O Núcleo de Formação Cultural está aberto para que o representante geral do Movimento traga as demandas.

E deixamos aqui uma idéia:

E se o Movimento reivindicar ser inserido no Patrimônio Histórico Imaterial da cidade? E se reivindicar um Museu LGBT? Para isso, união e transversalidade com as áreas, é fundamental.